

2.5. A DIMENSÃO SOCIAL E POLÍTICA DA CULTURA

1. A Cultura de Massas e o Desejo de Evasão

Tradicionalmente, a noção de cultura era concebida como um fenómeno elitista, próprio de uma minoria prestigiada e dominante na sociedade, constituída por indivíduos poderosos e intelectualmente aptos. Era vista como algo reservado às classes sociais mais elevadas, e, por isso, se chamava **cultura de elites**.

A partir do séc. XX a cultura de elites foi substituída por uma **cultura de massas**, graças aos meios de comunicação de massas que investiram numa «indústria cultural» dirigida às grandes massas.

Esta visava a ocupação dos tempos livres dos trabalhadores, procurando também compensá-los da monotonia e solidão das sociedades modernas. A cultura passava assim a ser pensada com vista a chegar às grandes massas, enquanto bens de consumo culturais.

Este alargamento da cultura às grandes massas resultou da conjugação de vários factores: a melhoria das condições de vida dos trabalhadores; a sua alfabetização com a obrigatoriedade do ensino primário; e o aparecimento dos novos meios de comunicação como a rádio, o cinema, a imprensa.

Características da cultura de massas:

- é difundida pelos *mass media*;
- é multifacetada, quer nos conteúdos, quer nas formas que apresenta;
- é superficial na abordagem dos temas;
- interessa-se pelo imediato, cultivando a novidade;
- é de duração efémera;
- é uma cultura de evasão (através dela os indivíduos abstraem-se dos seus problemas quotidianos);
- contribui para a standardização dos comportamentos, pois divulga determinadas atitudes e princípios aceites pela sociedade e que apontam para um "tipo de pessoa média."

Principais Manifestações da Cultura de Massas:

1. A MÚSICA LIGEIRA

Na década de 20, o desenvolvimento da rádio e da indústria de discos e gramofones fizeram divulgar a música que veio a atingir grande popularidade junto das massas.

Paralelamente à música clássica, desenvolve-se a música ligeira, com ritmos relacionados com a agitação da vida urbana.

Surgiram novos géneros musicais como o jazz, o swing, os blues, o rock, e o pop, entre outros.

Destacaram-se Elvis Presley e grupos musicais como «*Os Beatles*», nos anos 60.

2. OS ESPECTÁCULOS DESPORTIVOS

No século XIX, o desporto era praticado apenas por elites, mas com a entrada no século XX vai ganhar um número crescente de praticantes e de adeptos, tornando-se o espectáculo favorito das multidões.

Nos finais do século XIX, foi retomada a ideia helenista dos Jogos Olímpicos, com o intuito de mundializar o desporto. *Os I Jogos Olímpicos da Era Moderna* têm lugar em Atenas, em 1896 e os II têm lugar em Paris, em 1900, no ano da *Exposição Universal*.

Modalidades como o **futebol**, o **ciclismo** e o **automobilismo** registaram nesta época um grande aumento da sua popularidade, transformando-se em desportos de massas. Outras modalidades surgem também como o **ténis de mesa**, o **esqui**, o **boxe** e a **natação**.

Muitos destes desportos, sobretudo o **futebol**, considerados actividades de lazer, rapidamente se transformam em grandes negócios, movimentando milhões e com efeitos em vários sectores económicos.

Os espectáculos desportivos, pelo imenso apoio popular que os rodeiam, acabam por se transformar também em espectáculos muito emotivos, cheios de emoção, de combatividade e de antagonismo.

Tal situação, vai fazer do desporto um **escape para a canalização e libertação de tensões diárias**, acumuladas na vida profissional, social e familiar. Através do desporto, atletas e espectadores descarregam no espectáculo sobre os adversários, árbitros e autoridades policiais, tensões e frustrações acumuladas no dia-a-dia.

Deste modo, o desporto passou a ser, para as massas, além de uma forma de lazer, também uma **forma de evasão** da dureza do quotidiano, tornando-se, por isso, muito útil no controle das tensões sociais e políticas nas sociedades modernas. A eventual revolta social canalizar-se-ia assim, não para motins e revoluções, mas para inofensivos espectáculos desportivos.

3. O CINEMA E O SEU IMAGINÁRIO MÍTICO

Surgiu ainda no séc. XIX, com os irmãos Lumière. Era, inicialmente, mudo e só se tornou sonoro no fim dos anos 20. A sua técnica foi, depois, desenvolvido por Édison, nos E.U.A.

O cinema mudo rapidamente se transformou em sonoro e as cores rapidamente invadiram o écran.

Começando por ser uma forma de arte, o cinema transformou-se também numa indústria que vai conhecer um desenvolvimento sem precedentes, atraindo largas multidões fascinadas. Sendo uma forma barata de diversão, o cinema iria ganhar cada vez mais público, à medida que os desenvolvimentos técnicos traziam para junto das pessoas mundos e imagens de uma riqueza inatingível, fornecendo uma forma de escape à monotonia do dia-a-dia, uma fuga aos seus próprios problemas.

O **desejo de evasão** manifestado pelas massas foi alimentado pelos próprios meios de comunicação, que criavam histórias felizes e personagens com vidas perfeitas.

Com o cinema vieram as **estrelas de cinema**, adoradas por milhões, desejosos de copiar a forma como viviam. Em torno dessas estrelas criaram-se verdadeiros mitos.

Os actores atraíam de tal forma o grande público que garantiam por si só o sucesso de um filme e ajudavam a reforçar o imaginário mítico, já que prolongavam a ficção do ecrã para a vida real. Passavam a ser considerados seres simultaneamente humanos e divinos, pois viviam no écran situações que muitos homens e mulheres gostariam de viver. Através deles, os homens sonham, esquecendo as tristezas da sua vida desinteressante. O cinema transforma-se assim no sonho imaginário.

Mesmo nos piores momentos de depressão, havia dinheiro para fugir às privações e entrar no mundo maravilhoso do cinema, pois quanto piores fossem os tempos, mais arrebatadores e grandiosos eram os filmes.

Entre as estrelas mais «adorados» pelas multidões encontravam-se Rudolfo Valentino, Greta Garbo, Clark Gable, Mae West, Marlene Dietrich e Marilyn Monroe.

Destacaram-se no cinema realizadores como Charles Chaplin, Sergei Eisenstein, Joseph Von Steinberg, Jean Renoir, Alfred Hitchcock e Walt Disney.

O grande impacto do cinema no público transformou o cinema num poderoso meio de **difusão de modelos socioculturais**, levando-o a impor modelos de comportamento seguidos pelos espectadores (estilo de vida, moda, maneiras de estar e de falar, ideologias).

O cinema foi também muito utilizado pelos Estados para fins de propaganda ideológica. Na II Grande Guerra, foi usado como arma de propaganda contra as potências inimigas. Tanto Aliados como as potências do Eixo usavam histórias do passado para fazerem prevalecer os ideais do presente.

EM PORTUGAL ⇒ O cinema surgiu ainda no século XIX, graças a Aurélio dos Reis, que apresentou no Porto os seus primeiros filmes mudos. O cinema deixa a pouco e pouco a fase de exposições de feira em feira, para passar a ser uma verdadeira "indústria cinematográfica" com uma divulgação mais alargada.

O sucesso do cinema mudo português surgiu com filmes como «*Maria do Mar*» (Leitão de Barros) e «*Douro*» (Manoel de Oliveira). Os primeiros filmes sonoros foram «*A Severa*» (Leitão de Barros) e «*A Canção de Lisboa*» (Cottinelli Telmo).

Tal como as restantes actividades artísticas, o cinema não escapou ao controle do regime do **Estado Novo**, passando, a partir de 1935, a depender do Secretariado da Propaganda Nacional e a ser alvo da censura. A ideologia conservadora estava presente nas personagens e histórias dos filmes da época, fazendo-se sempre o elogio de princípios como a ordem, a autoridade, o papel passivo da mulher, a exaltação do império, dos heróis nacionais e da vida rural.

Tal era visível em filmes políticos como «*A Revolução de Maio*», «*Feitiço do Império*», filmes de fundo bucólico como «*As Pupilas do Senhor Reitor*», «*Maria Papoila*» e comédias urbanas lisboetas como «*O Pai Tirano*» e «*O Pátio das Cantigas*».

O cinema português entra em decadência a partir dos anos 50, na sequência da vigilância apertada da censura do Estado Novo.

4. A LITERATURA POLICIAL e a BANDA DESENHADA

Também os escritores criaram géneros literários dirigidos às grandes massas criando, na primeira metade do século XX, dois géneros muito diferentes que vão ganhar muita popularidade:

- a **Novela Policial**, onde se explora o gosto das massas pelo «suspense». Os seus principais criadores foram Agatha Christie («*Miss Maple*» e «*Inspector Poirot*») e Georges Simenon («*O Comissário Maigret*»).
- a **Banda Desenhada**, a história em quadrinhos, que se tornou um grande sucesso. A junção da imagem (muito rica) e do texto (leitura fácil) captou,

de imediato as crianças e um público adulto menos letrado. As suas personagens mais famosas foram: Super-Homem, Mandrake, Fantasma, Tarzan, Tio Patinhas e Pato Donald, entre outros, que se transformaram em verdadeiros heróis internacionais.

2. Os *Mass Media*, veículos de modelos sócio-culturais

Nos inícios do séc. XX, surgem novos meios de comunicação que se vão designar como os *mass media*. São a imprensa escrita, a rádio, o cinema e a televisão. Como permitem difundir para um público muito numeroso e variado uma quantidade maciça de informação, vão ter um papel muito importante nas sociedades modernas. O seu papel é variado:

- difundem a informação;
- promovem a cultura;
- contribuem para a educação;
- divulgam a publicidade;
- são utilizados na propaganda política.

Assumem, por isso, um papel de relevo na formação da **opinião pública**, o que os torna muito cobiçados pelos poderes políticos e económicos.

Para além disso, o facto de pretenderem atingir toda a gente, contribuem para provocar uma **estandardização/uniformização de comportamentos**, pois a sociedade tende a imitar os modelos/padrões de conduta que são divulgados nesses meios de comunicação.

Imprensa Escrita

Foi o principal meio de informação pública nas primeiras décadas do século XX. A sua crescente difusão resulta de:

- aperfeiçoamento das técnicas de impressão, possibilitando impressão de jornais em escalas elevadas;
- novos meios de transporte, nomeadamente o comboio que permitiram o transporte dos jornais a todos os locais;
- número crescente de **leitores** devido ao aumento do seu nível de vida e ao cada vez maior número de alfabetizados, com o ensino obrigatório;
- o recurso à publicidade nos jornais que contribuiu para um maior equilíbrio das empresas jornalísticas, dando-lhes mais independência face ao poder político;

A imprensa especializa-se conforme os gostos do público. Surgem jornais noticiosos, desportivos, femininos, infantis. Os grandes jornais têm também diferentes secções, procurando captar diferentes públicos. Surgem também revistas femininas, revistas de cinema ou de arte.

EM PORTUGAL ⇒ o crescimento da imprensa assemelhava-se ao que se passava nos outros países europeus, apesar de a taxa de analfabetismo ser muito elevada. Surgem vários jornais nos finais do século XIX como o *Diário de Notícias*, *O Jornal de Comércio*, *O Século*, *Jornal de Notícias*, e *O Novidades*.

Durante o Estado Novo a imprensa passou a ser alvo da censura política, o que condicionou não só a produção como os conteúdos dos jornais.

Rádio

A telegrafia sem fio (TSF) nasceu com Marconi no fim do séc. XIX, tendo tido um êxito e um crescimento extraordinários. Em 1922, o emissor da Torre Eiffel começava já a transmitir programas regulares de música e de um «jornal falado».

Conseguiu a adesão de um público muito vasto, devido ao fabrico de aparelhos cada vez mais pequenos e baratos e ao aumento da qualidade das transmissões.

Contribuiu para a democratização e maior rapidez da informação e da cultura, permitindo que chegassem a todos, por mais longe e isolados que se encontrassem. Com a rádio chegavam os noticiários, o desporto, os folhetins, a música, o cinema, o teatro, a publicidade.

Foi o meio de instrução privilegiado dos menos cultos, proporcionando-lhes programas culturais a que, sem a rádio, não teriam acesso.

A rádio, exactamente por chegar a todos em todos os lugares, foi utilizado como instrumento subtil no processo de **manipulação da opinião pública e de standardização de normas e valores**.

Foi utilizada, na década de 30, como instrumento de propaganda política pelos regimes ditatoriais (Mussolini, Hitler e Staline transmitiam os seus discursos através da rádio) e foi também usada na 2ª Guerra, na formação da opinião pública.

EM PORTUGAL, a rádio foi também utilizada com propósitos políticos, servindo para a difusão da ideologia do Estado Novo. Era através da «Emissora Nacional» que Salazar e António Ferro discursavam ao país.

Cinema

Assume-se como uma manifestação da cultura de massas, mas também como um meio de comunicação, na medida em que atinge um público numeroso e variado, exercendo uma grande influência sobre as populações.

(ver item anterior)

Televisão

Impôs-se mais tarde, exercendo uma influência imensa sobre os espectadores.

«A televisão põe à disposição de cada lar que a possui um jornal permanente e omnipresente, um cinema, uma peça de teatro, periódicos especializados, uma sala de concertos, uma universidade em imagens. Quem faz melhor?» G. Hourdin

Hoje é considerada «a caixinha que mudou o mundo» sendo usada por governos, políticos, industriais e comerciantes através da publicidade. É, pela sua grande influência e pelo imenso público que alcança, um meio privilegiado de divulgação de ideologias, usado na manipulação das consciências.

3. A Cultura ao Serviço dos Estados - o caso do Ensino

Os Estados, fossem eles democráticos ou ditatoriais, rapidamente se deram conta da importância dos meios de comunicação, das novas formas de comunicação de massas e da divulgação do ensino para a integração e envolvimento das populações nos seus projectos económicos, sociais e políticos.

Rapidamente, a cultura, o desporto, a rádio, o cinema, a imprensa foram postos ao serviço dos Estados. Também o Ensino passou a ser uma das suas preocupações.

No início do séc. XX, os Estados tendem a tornar o ensino **obrigatório, gratuito e laico**, visando promover a integração activa das populações no desenvolvimento económico e contribuindo para o progresso social. Fazem-no por diferentes tipos de motivações:

Motivações filantrópicas: surgiram escolas por iniciativa de associações de socorros-mútuos dos trabalhadores e burgueses. Movia-os um espírito humanista que visava reduzir desigualdades sociais e maior justiça social.

Motivações económicas: o empenho na alfabetização e educação profissional contribuía para o aumento da mão-de-obra qualificada. Os trabalhadores

deveriam ser instruídos e especializados para se tornarem mais aptos a produzir riqueza.

Motivações ideológicas: o ensino revelou-se um excelente instrumento para a veiculação de ideias e de valores, uma vez que estes eram inculcados às camadas jovens através dos manuais escolares, das disciplinas e dos próprios professores. Contribuiria, assim, para uma maior **homogeneização e standardização dos comportamentos e dos padrões culturais**. O ensino instruída e educava, contribuindo para a socialização dos jovens, ou seja, para a sua correcta inserção na sociedade.

Não sendo neutra, a escola tendia a formar um «*ideal de homem*» e era em função desse ideal que se organizavam programas e pedagogias. O Estado fornecia os meios para a instrução e a Escola preparava os jovens segundo os ideais que sustentavam o próprio Estado.

A Escola Totalitária: fomentava a disciplina, a obediência, o respeito submisso aos superiores e a adoração do chefe. Educava segundo os valores ideológicos do regime, valorizando o Estado relativamente ao indivíduo.

Assim acontecia na escola fascista italiana, na escola nazi e, numa outra dimensão, na escola comunista. O Estado substituíam-se à família na educação da juventude, através de professores e manuais afectos ao regime que veiculavam os valores ideológicos do regime: a ideologia fascista e nazi (Itália e Alemanha) e os princípios marxistas-leninistas (URSS).

A Escola Democrática: Nos países democráticos, a escola regia-se por critérios de igualdade, procurando inculcar nos jovens valores como a liberdade, a tolerância, o respeito pela diferença, o respeito mútuo. Valorizava o indivíduo e estimulava o espírito crítico, de modo a formar cidadãos capazes de intervir activamente na vida política da Nação.

EM PORTUGAL:

Na I República, registou-se um grande esforço de alfabetização, apesar da burguesia rural defender o analfabetismo por considerar que a escola roubava mão-de-obra aos campos. Mais esclarecida, a burguesia urbana e industrial apoiava os esforços de alfabetização, por ver nela uma forma de obter trabalhadores mais qualificados e controlados socialmente.

O Estado Novo utilizou também o ensino e as organizações de juventude como instrumentos ideológicos de inculcação de valores, ao mesmo tempo que controlava e vigiava directores, professores e estudantes como forma de evitar a subversão. Legislação da época concedia ao Estado o poder e o

dever de definir a «*verdade nacional*», isto é, a verdade que convinha ao regime e que tinha por base a Família, a Fé e a Autoridade.

Em 1936-1940, surge a Reforma educativa de Carneiro Pacheco:

- * reforma do ensino primário, com o objectivo de garantir um grau elementar de cultura a todos os Portugueses, de modo a torná-los úteis;
- * adopção do regime do livro único no ensino primário cujas imagens e textos ensinavam os princípios ideológicos do regime (nacionalismo, conservadorismo, ruralidade, religiosidade). Também no ensino secundário para as disciplinas de História e de Filosofia.
- * foi exigido aos professores (a todos os funcionários públicos) a assinatura de uma declaração anti-comunista e de fidelidade ao regime.
- * criação da Mocidade Portuguesa que estimulava o desenvolvimento da capacidade física, a formação do carácter, o respeito pela ordem, disciplina e autoridade, bem como a devoção à Pátria.